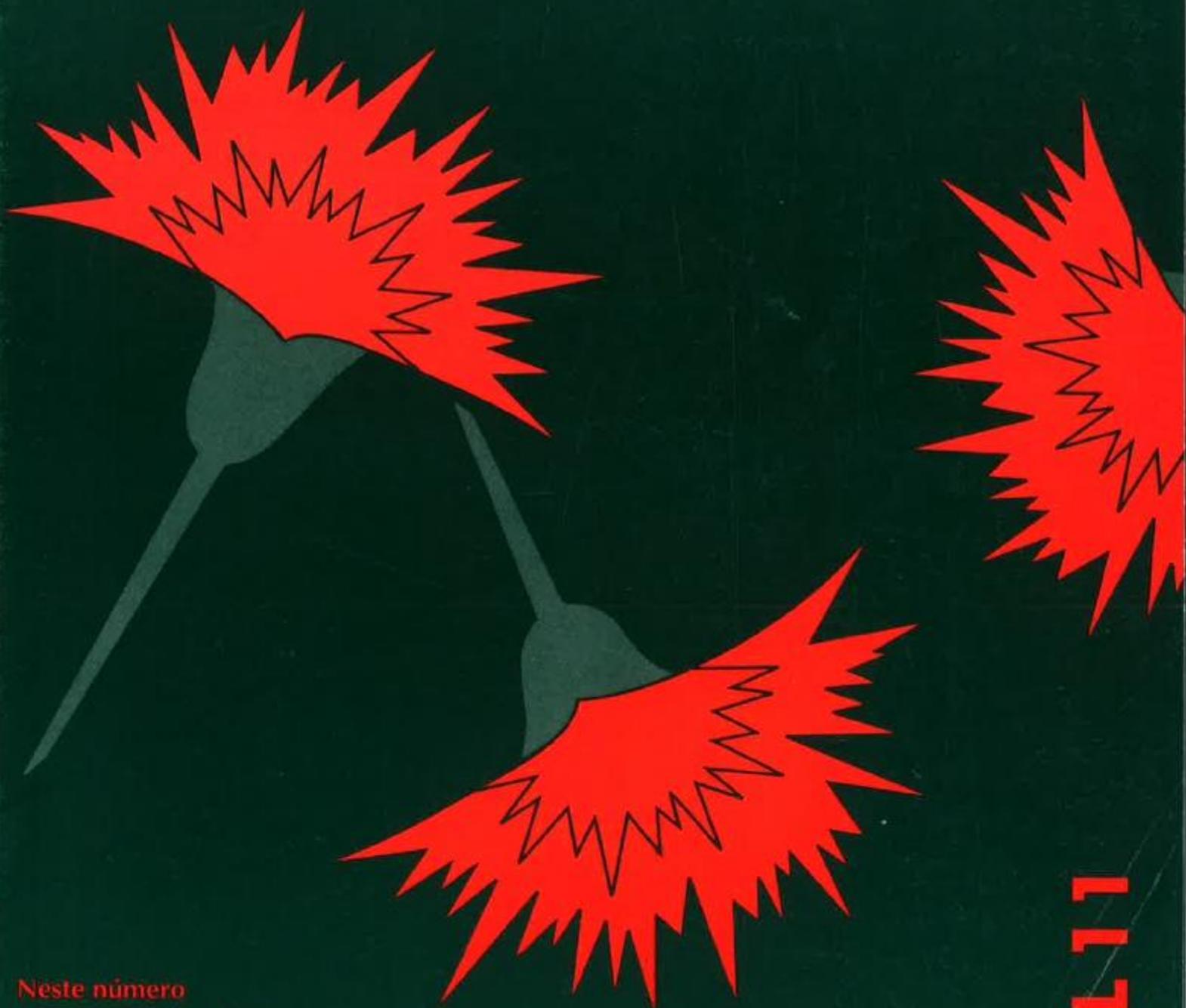


f P e s s o a

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS



Neste número
duas novas secções:

No meu tempo é que era...

BUÉ ou FARTANTE?

ABRIL 11



PARA COMEÇAR

1



PROFESSOR... no dia 25 de Abril de 1974

2

Um dia chamado desejo
O 25 de Abril vivido em Luanda

3
5



PLANO DE FORMAÇÃO

7

Projecto de formação para 1993-95 (Versão 1994)
Retrato-robot do formando
Acções para estruturar um plano
individual de formação

7
9
13

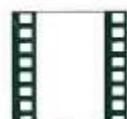


ÀS QUARTAS... É NO CENTRO

15

Programa 1994

15



RETRATOS DO NOSSO OBJECTO

17



É O QUE ESTÁ A DAR

20

Viagem ao nosso mundo
Na minha geração não se luta, vai-se andando...

20
21



MATOSINHOS DE ENCANTAR

22

Abel de Lima Salazar

22



CONHECER MELHOR

23

Associação divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar
«Paisagens» de Vitor Almeida: recordar o futuro

23
24



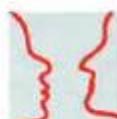
BUÉ ou FARTANTE?

26



NO MEU TEMPO É QUE ERA...

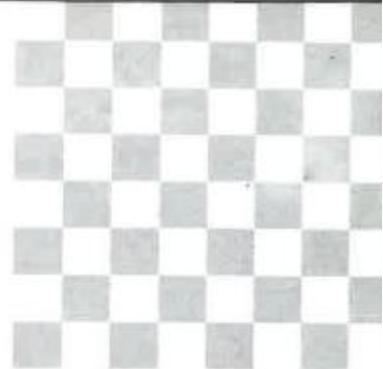
27



À CONVERSA COM... 30

Prof. Dr. Sousa Fernandes

30



P A R A COMEÇAR

Talvez estivesse uma manhã amena...
já não me lembro...

De casa ao liceu
fui na companhia de todos os rumores...
– tinha acontecido qualquer coisa...
Até ao meio da manhã...
não parecia
tudo correu normalmente
parecia...

De um momento para o outro
gente a correr
por todo o lado
empregados despencados à frente de alunos
gritos
«bufo»
alunos despencados à frente de paisanas
pistolas na mão dos paisanas
hesitantes
ainda
mais gritos
«Bufo»
«Sacanas!»
«Pides»...

O Fonseca,
o 15 do 7.º B
rolou no chão
coberto de pontapés
pelos paisanas
Mais gritos...
agora era o João
o 22 do 6.º H
os mesmos pontapés
a confusão
as correrias,
os empurrões
os insultos...
o motim.

A campanha
que não se tinha apercebido de nada
continuava a tocar
a entrada,
a tolerância,
até que se perdeu nas contas...

Mas os paisanas levavam vantagem
dois colegas esperneavam
agarrados pelos cabelos
a caminho da saída...
Foi o contra-ataque...
cuspidelas e empurrões
num «túnel de cachaços para caloiros»
os paisanas
rolaram no chão
era a vez deles...

Apareceram mais pistolas
estas bem mais decididas...

e ameaçavam...
É estranho mas, assim de perto,
não pareciam do que são capazes...

Cá fora
os «niveas» tinham cercado a praça...
as sirenes a tocar
os bonés debaixo do braço
cassetetes virados ao contrário
preparados para a correria
as sirenes a tocar...
Um pó fino
no ar
a atijar
mais correrias
mais gritos...

Afinal fosse o que fosse que tinha acontecido
estava a passar por aqui...
Fosse o que fosse que tinha acontecido
sentia-se tudo a cair em volta
a força do «porque não»
a crescer cá dentro
que precede o vazio
que,
por sua vez,
precede o enchê-lo de novo
com coisas novas...

Alguém conseguiu pôr-nos lá fora
a todos
Alguns empregados ao fecharem as portas
olhavam-nos como a dizerem
«Desculpem este inconveniente...
também não estamos a perceber nada...
mas amanhã abriremos com nova gerência.»

Já houve tempo em que pensei que Portugal
não tinha direito a ter Abril
porque não tinha percebido nada...

Hoje não penso assim.

Gratidão a todos os que tiveram
a clareza de espírito e a coragem de o ousar!

Depois, todos nós, fizemos o resto...
para melhor ou para pior.
Hoje temos a interpretação que fizemos de
Abril
por muito que custe a uns
por pouco que sintam outros...

afinal
são as leis da História...
cada povo
tem os «Abrils» que merece...

Jorge Lima
Abril, 20 anos depois

PROFESSOR...

no dia

25 de Abril de 1974



Um dia chamado desejo

Luísa Félix *

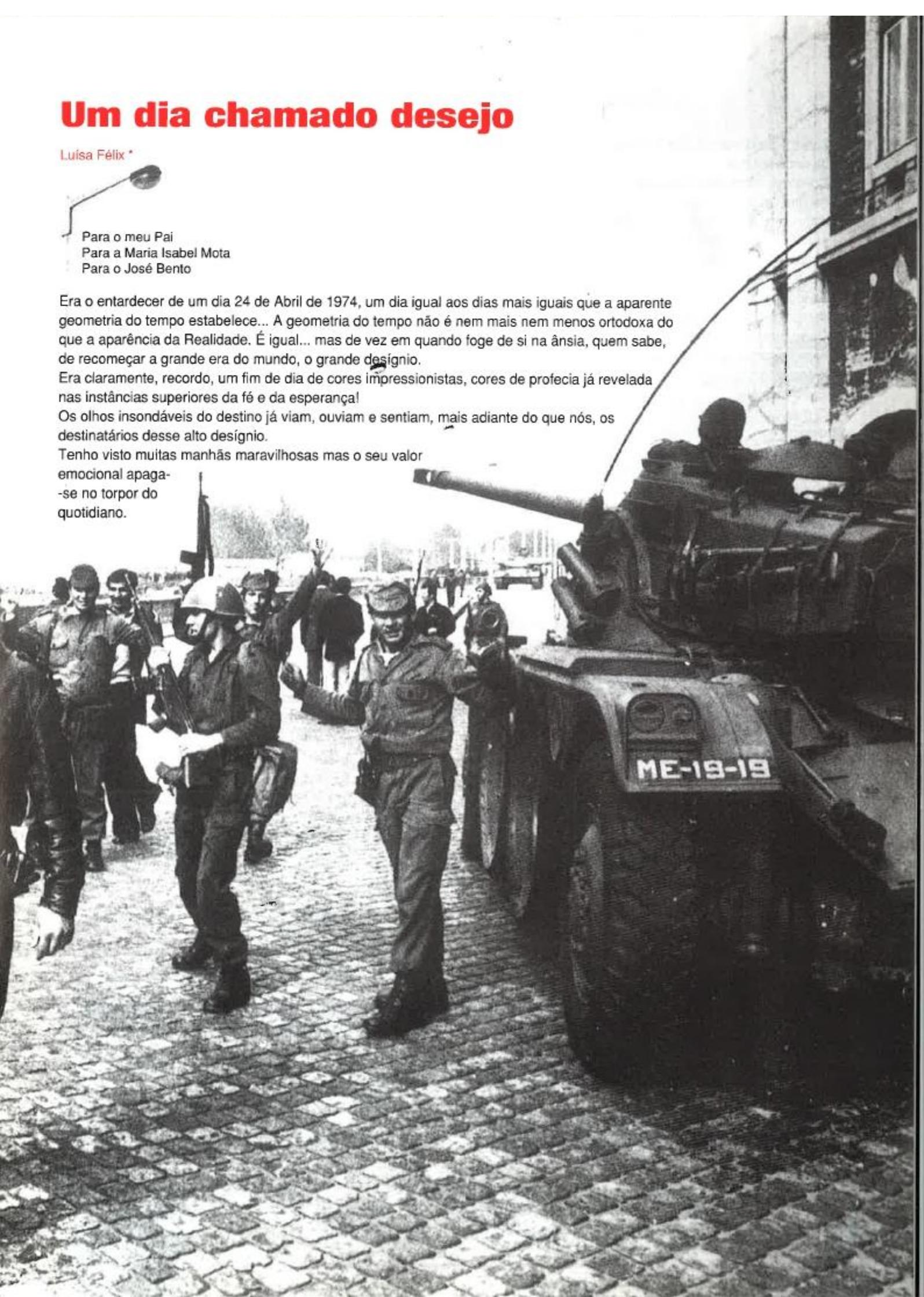
Para o meu Pai
Para a Maria Isabel Mota
Para o José Bento

Era o entardecer de um dia 24 de Abril de 1974, um dia igual aos dias mais iguais que a aparente geometria do tempo estabelece... A geometria do tempo não é nem mais nem menos ortodoxa do que a aparência da Realidade. É igual... mas de vez em quando foge de si na ânsia, quem sabe, de recomeçar a grande era do mundo, o grande desígnio.

Era claramente, recorde, um fim de dia de cores impressionistas, cores de profecia já revelada nas instâncias superiores da fé e da esperança!

Os olhos insondáveis do destino já viam, ouviam e sentiam, mais adiante do que nós, os destinatários desse alto desígnio.

Tenho visto muitas manhãs maravilhosas mas o seu valor emocional apaga-se no torpor do quotidiano.



Sobre aquela manhã fluía a visão do presságio indefinido da tarde anterior.

Creio que começou como uma manhã enevoada de neblinas que, ao romper-se, se transformou em intensas claridades. Foi o dia do desejo que nasceu dessa manhã grávida de um sonho sequestrado, durante tantos e tantos anos, e, chamou-se 25 de Abril.

São sete horas. Toca o telefone. Tão cedo, o telefone!? A vida das notícias supersticiosamente move-se quase sempre e furtivamente para a desgraça...

Corro cambaleando, o coração sufoca-me a razão, tremo convulsivamente ao levantar o auscultador, como se antecipasse o choro...

Era o meu pai!

O meu pai estava em Lisboa a tentar resistir ao seu destino que inexoravelmente caminhava para o fim!

Mas era a voz viva (como se ouvia bem Lisboa, tão longe, naquela manhã, tão cedo!), a voz determinada e vitoriosa, a voz caprichosa de uma Realidade que ele me anunciava:

«Filha, eu não podia morrer sem ver este dia... houve um golpe de estado..., há um movimento das forças armadas que derrubou o regime e um tal Zeca Afonso que canta canções revolucionárias na rádio...»

Tremi sempre ao ouvi-lo... tentando construir um cenário que correspondesse ao valor emocional da notícia.

Subitamente levantei o braço com o punho bem fechado não fosse aquele momento de imortalidade escapar-se e roubar-me o deleite daquele poder mágico que passava diante do meu espírito.

Obrigada Pai por isso e por tudo.

Celebraste a vida no dia 25 de Abril de 1974 e a tua morte no dia 25 de Abril de 1976. Celebro-te eu, hoje, em memória e reabilito-te de todas as afrontas, privações e prepotências, continuando a erguer o punho bem fechado para guardar a tua herança de dignidade e amor a uma causa.

Assim entrei no Liceu Garcia de Orta nessa manhã já tarde...

Havia um reitor, não o vi, mas... talvez a sombra!

Havia agentes da PIDE-DGS, não os vi.

Havia a mulher do director da PIDE-DGS, no Porto, também não a vi.

Mas vi os meus colegas das horas das conversas ciciadas, da propaganda clandestina em cima da mesa da sala dos professores, os colegas das aulas cúmplices do proibido... e os nossos alunos, aqueles de mil olhos sondando os lugares por onde passava a nossa Resistência, protegendo-nos, vigiando os vestígios da prepotência, desviando o caminho das denúncias e dos processos disciplinares.

O 25 de Abril no Garcia foi a lição perfeita, insusceptível de regulamentação, avessa à disciplina, correndo à

revelia da punição, correndo apenas para a celebração da liberdade.

Hora de exortação e de honrar os heróis!

Todos do Garcia para o Quartel General!!!

Corríamos, gritávamos, falávamos sem nos ouvirmos, era só a libertação da voz de silêncio...

De repente, surge, afinal, uma voz sem fé, nem Deus, um apóstata reconvertido à hora da morte: «Parabéns, Maria Luísa. Hoje é um grande dia para si!».

Era o Sr. Reitor.

Não fiz qualquer balanço de desagravo do passado de ontem, porque no presente daquele Hoje não cabiam os ajustes de contas de uns nem os actos de contrição de outros. Perda de Tempo. Era preciso correr e celebrar... A História encarrega-se desses julgamentos, mas a ingenuidade paga-se caro.

Sentíamos mais do que pensávamos e é preciso estabelecer a justa equivalência do sensível e do inteligível...

Limitei-me a um lacónico e apressado: «Obrigado» e corri, sim, para o colega que me sorria um sorriso liberto de todos os constrangimentos.

era o Padre Manuel Fernandes, cinéfilo impenitente e amigo...

Há um ano atrás, numa salinha sem olhos e sem ouvidos, mostrava-me «O Couraçado Potemkin», filme lendário de Serguei Eisenstein, obra proscrita do regime de Salazar e Gaetano.

Éramos quatro naquela salinha... O Padre Manuel Fernandes vigiava a nossa emoção na obscuridade enquanto nós sorvamos com frenesim aquelas imagens para além do medo...

Deus estava do nosso lado!

O 25 de Abril de 1974 foi a experiência perfeita. Houve uma manhã maravilhosa no dia 25 de Abril.

Evoquei-a com o meu Pai, chamando-o ao nascimento deste texto. Aproxima-se a sua zona crepuscular, ... mas a memória leva-me de novo ao mundo dos espíritos neste fim de texto.

Obrigada Maria Isabel Mota.

Obrigado José Bento.

Queridos «compagnons de route»...

Obrigada pelo muito que me ensinaram.

Deixaram-me só nesta evocação!...

Resta-me juntar-me ao Povo de Abril de sempre e gritar as palavras que foram a mística de uma Revolução:

«O POVO unido jamais será vencido»

25 de Abril! Resistir sempre.

* PQND do 9.º grupo da Escola Secundária da Boa Nova – Leça da Palmeira

O 25 de Abril vivido em Luanda

Maria Conceição Barbosa *

Quando se deu o 25 de Abril encontrava-me em Luanda, a acompanhar o meu marido, oficial de carreira, em mais uma comissão militar.

O conhecimento do que se passava em Portugal nesse célebre dia, não foi logo do domínio público. As notícias chegaram tarde e lentamente, devido à situação de guerra que era vivida em Angola. As informações não eram totalmente transparentes, havia cautela na sua divulgação para evitar situações problemáticas.

Mas, chegaram... e não houve, nem de longe nem de perto, as manifestações eufóricas que tiveram lugar, aqui, na «Metrópole». Cada um ouvia e pensava no efeito que esta revolução podia causar às suas vidas.

Para mim, significava o fim de um pesadelo, de uma guerra que parecia não terminar nunca o regresso de vez à minha terra, ao sossego, à paz.

Como professora, e nessa altura dava aulas num colégio, não deparei com situações diferentes das que eram normais. A vida continuava a decorrer normalmente, salvo uma ou outra vez em que circularam boatos quanto a possíveis ataques ao colégio por população de raça negra. Porém, tudo não passou de boatos.

À medida que o tempo passava foi-se fazendo a consciencialização da situação que era vivida em Portugal e daquela que de futuro iria ser vivida em Angola. A independência desta colónia em relação a Portugal era um facto que se iria consumir. Daí o surgir de reacções negativas por parte da população de raça negra em relação à de raça branca.

Foram momentos dramáticos que se começaram a viver em Luanda a partir de fins de Março de 1975. Estava eu, nesta altura, a dar aulas numa escola oficial situada entre uma delegação do MPLA e outra da UNITA.

O início desse ano lectivo de 1974/75 já estava a ser difícil devido à indisciplina que começava a reinar nas escolas e, até, às ameaças que, por vezes, eram feitas a professores.

Eu, pessoalmente, não senti estes problemas, fui conseguindo lidar com os meus alunos sem ter que mudar grandemente o meu comportamento.

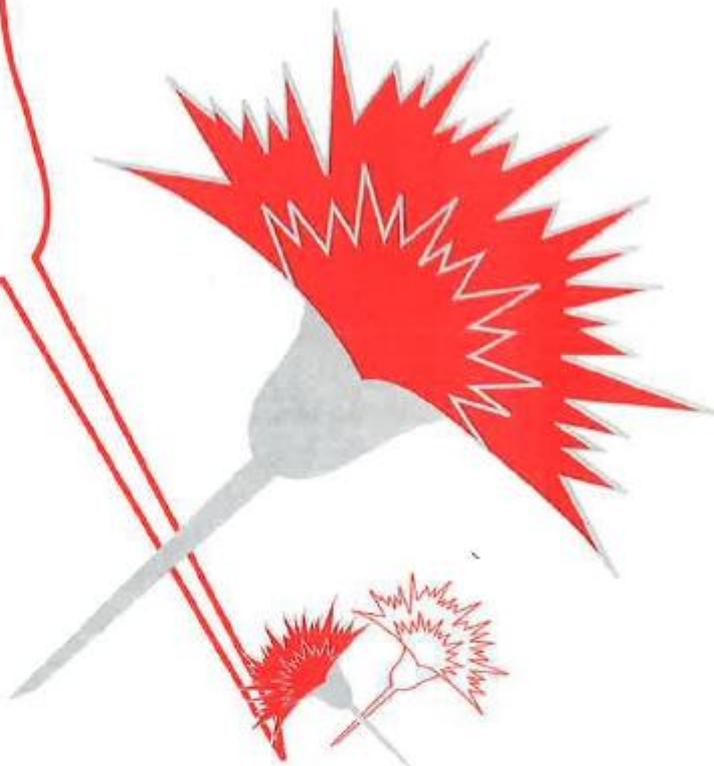
Era importante ter uma maior capacidade de compreensão e de diálogo.

A maior dificuldade senti-a no que se refere à leccionação da disciplina de História de Portugal. Os alunos, na sua maioria, começaram a rejeitá-la e queriam que lhes fosse ensinada História de Angola.

Houve necessidade de fazer algumas alterações nos programas para se conseguir conciliar os interesses, compreensíveis, daqueles jovens.

Para além destes problemas, que eram mais ou menos resolvidos, começou, como referi atrás, a haver uma onda de terrorismo pela cidade. A minha escola era frequentemente atingida por disparos de armas das tropas rivais do MPLA e da UNITA. Várias vezes alunos e professores tiveram de abandonar a escola fugindo ao tiroteio. A certa altura tornou-se impossível dar mais aulas neste estabelecimento de ensino e teve de ser encerrado. Os alunos não foram totalmente prejudicados e no fim do ano lectivo tiveram uma avaliação o mais justa possível. Foi neste ambiente de guerra, entre os diferentes movimentos de libertação, tempo de grande instabilidade especialmente para os habitantes de raça branca, sob ameaças constantes para a sua vida e haveres, que terminei a minha experiência como professora em Angola.

Decorria o mês de Julho de 1975, a independência desta colónia avizinhava-se e as tropas portuguesas começavam a partir de regresso a Portugal, ao Portugal novo saído do 25 de Abril.



* PQND do 1.º grupo da Escola C+S da Lavra



Inforloja-Sistemas Informáticos

12 ANOS DE SABER!

LEO 486DX/33MHZ (Coprocessador incluído)
256KB CACHE
ANTI-VIRUS RESIDENTE\4MB RAM
1.44MB FLOPPY DRIVE
245MB DISCO
PLACA SVGA 1 MB
MONITOR POLICROMÁTICO 0,28 PITCH
1024x768
1 PORTA PARALELA, 2 PORTAS SÉRIE
TECLADO PROFISSIONAL
RATO LEO 3 BOTÕES
S. OPERATIVO MS-DOS **295.000\$00**

**INFORLOJA, LDA. – SEGURAMENTE
UM DOS MELHORES SERVIÇOS
PÓS-VENDA EM INFORMÁTICA**

CONSULTE-NOS EM TOMÁS RIBEIRO 727, 4450 MATOSINHOS
OU ATRAVÉS DOS TELEFS.: 9380590 / 9377645 OU FAX: 9380588

INFORLOJA

PROJECTO DE FORMAÇÃO PARA 1993-95 (Versão 1994)



| Acção | Cursos / Módulos | Horas | Área | Modal. | Nível | Destinatários | Local prestado / Anotações |
|---|--|-------|------|--------|--|---|-----------------------------------|
| | | | | | | | |
| I – O professor agente do sistema | 1. Sistema Educativo | 60 | A | CF | I | Todos os ramos e níveis de ensino | Realização não prevista para 1994 |
| II – O professor, e a orgânica da Escola | 1. Administração, direcção e gestão das Escolas | 90 | G | CF | I | 2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec. | Realização não prevista para 1994 |
| | 3. Apoio Sócio-Educativo – Contributo para a Humanização da Escola | | G | CF | I | 2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec. | PROfessor |
| | A. | 30 | | | | | PROfessor |
| B. | 30 | | | | | PROfessor | |
| III – O professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio | 1. Direcção de Turma | 90 | C | CF | I | 2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec. | Realização não prevista para 1994 |
| | 2. Área-Escola, a Comunidade, a Animação | | C | CF | A | Todos os ramos e níveis de ensino | |
| | A. | 32 | | | | | PROfessor |
| | B. | 22 | | | | | PROfessor |
| | C. | 22 | | | | | PROfessor |
| | 3. Património Histórico-Cultural de Malosinhos – seu Potencial Pedagógico na Área-Escola | | C | CF | I | Todos os ramos e níveis de ensino | PROfessor |
| A. | 30 | | | | | PROfessor | |
| B. | 30 | | | | | PROfessor | |
| IV – O professor e o aluno | 1. Tendências actuais da pedagogia | 100 | A | CF | A | 2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec. | Realização não prevista para 1994 |
| | 2. Preocupação com o aluno como pessoa | | C | CF | I | 3º ciclo do E. Bás. e Sec. | |
| | A. | 30 | | | | | |
| | B. | 30 | | | | | |
| | 3. Comunicação na aula | | F | OF | I | Todos os ramos e níveis de ensino | |
| | A. Dramatização na sala de aula | 30 | | | | | PROfessor |
| | B. Dinâmica de grupos | 42 | | | | | PROfessor |
| | 4. Trabalho de projecto | 60 | C | CF | I | 2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec. | Realização não prevista para 1994 |
| | 5. D.F.S. – Desenvolvimento Pessoal e Social – Formação para a docência | 270 | C | CF | I | Todos os ramos e níveis de ensino | |
| | 6. Lidar com a diferença | 66 | C | CF | A | 1º ciclo do E. Bás. | Realização não prevista para 1994 |
| | 7. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância - I | 66 | C | CF | A | Educadores de infância | Realização não prevista para 1994 |
| 8. Investigação em Educação | | A | CF | A | 2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec. | | |
| A. | 30 | | | | | PROfessor | |
| B. | 30 | | | | | PROfessor | |
| 9. Avaliação Pedagógica – E. Básico 1º, 2º, 3º e E. Secundário | 90 | C | CF | I | 1º, 2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec. | PROfessor | |
| 10. Psicologia do Desenvolvimento – da infância à adolescência | 30 | C | CF | I | Educadores de infância e 1º ciclo do E. Bás. | PROfessor | |
| 11. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância - II | 22 | C | CF | A | Educadores de infância | PROfessor | |
| V – O professor, e os meios auxiliares de ensino | 1. A Fotografia no Ensino | | F | CF | I | Todos os ramos e níveis de ensino | |
| | A. | 30 | | | | | ESAG |
| | B. | 30 | | | | | ESAG |
| | 4. O Computador no dia-a-dia do professor - I | 60 | F | CF | I | Todos os ramos e níveis de ensino | ESAG |
| | 6. PRÓmac | 60 | F | CF | I | Todos os ramos e níveis de ensino | |
| 7. A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediaterias Escolares – Um Meio para a Inovação Educacional | 66 | F | CF | A | Todos os ramos e níveis de ensino | | |
| VI – O professor e a carreira | 1. A Identidade Profissional do Professor | 44 | D | CF | A | Todos os ramos e níveis de ensino | |
| VII – O professor ao espelho | 1. Professor «Reflectido» | 44 | D | CF | A | Todos os ramos e níveis de ensino | |
| VIII – O professor, a sua especialidade e a didáctica dela | 1. Didáctica da Língua Portuguesa | 66 | E | CF | A | 1º ciclo do E. Bás. | Realização não prevista para 1994 |
| | 2. Didáctica da Matemática | 44 | E | CF | A | 1º ciclo do E. Bás. | |
| | 3. Técnicas Laboratoriais de Química | 60 | B | CF | I | 4º grupo do E. Bás. e Sec. e 11º - B | Realização não prevista para 1994 |
| | 4. História – Tempos do séc. XIX e XX | 30 | B | CF | I | História, Filosofia e Português do E. Bás. e Sec. | PROfessor |
| | 5. O Computador na Aula de Inglês | 60 | C | CF | I | Inglês 2º e 3º ciclo E. Bás. e Sec. | ESAG |
| | 6. Inovar na Aula de Línguas (Alemão-Inglês) | 60 | C | CF | I | Alemão e Inglês 3º ciclo E. Bás. e Sec. | Realização não prevista para 1994 |
| | 7. Expressão Física | 60 | C | CF | I | 1º ciclo do E. Bás. | Realização não prevista para 1994 |
| | 8. Desporto Escolar | | C | CF | A | 1º, 2º e 3º ciclo do E. Bás. e Sec. | |
| | A. | 30 | | | | | |
| | B. | 30 | | | | | |
| | 9. Inovar o Ensino – Aprendizagem das Ciências Biologia-Geologia | 22 | C | CF | A | Biologia e Geologia 2º e 3º ciclo E. Bás. e Sec. | |
| 10. Investigação em História Local | 66 | B | CF | A | História 3º ciclo E. Bás. e E. Sec. | Realização não prevista para 1994 | |
| 11. Ensino precoce de uma língua estrangeira no 1.º Ciclo | 30 | E | CF | I | 1º Ciclo do E. Bás. | | |

... para gente que ousa **fascinar-se!**

PROJECTO DE FORMAÇÃO PARA 1993-95 (Versão 1994)

| Projectos | Tema | Hor. | Área | Mod. | Nível | Destinatários Prof. profissionalizados de: | Local Previsto / Anotações |
|---------------------------------------|---|------|-------|--------|-------|--|----------------------------|
| | 1 Avaliação dos alunos do 3º Ciclo - Uma escola concertada | 150 | C | P | A | — | — |
| | 2 Escolas do 1º Ciclo de Matosinhos - Ainda estamos a tempo... | 150 | C | P | A | — | — |
| | 3 PRÓmêdia - Centro de Recursos Educativos de Matosinhos - a concretização de um sonho... | 150 | C | P | A | — | — |
| | 4 Formar para que professor? | 150 | C | P | A | — | — |
| Outras Actividades de Formação | | | | | | | |
| | Tema | Hor. | Área | Mod. | | Destinatários Prof. profissionalizados de: | Local prev. / Anotações |
| Às Quartas é no Centro! | 1. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da História | 2 | C | Debate | | História do E. Básico e Secund. | Pavilhão PRÓfessor |
| | 2. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da Biologia-Geologia | 2 | C | Debate | | Biologia e Geologia dos E. Básico e Sec. | Pavilhão PRÓfessor |
| | 3. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da Economia | 2 | C | Debate | | Economia do E. Secundário | Pavilhão PRÓfessor |
| | 4. Os portefólios na avaliação dos alunos do E. Básico | 2 | C | Debate | | E. Básico | Pavilhão PRÓfessor |
| | 5. Modelo de avaliação do E. Secundário | 2 | C | Debate | | E. Secundário | Pavilhão PRÓfessor |
| | 6. Mod. de avaliação da Escolaridade básica obrigatória | 2 | C | Debate | | E. Básico | Pavilhão PRÓfessor |
| | 7. Modelos de ensino-aprendizagem de jardins de infância em confronto | 2 | C | Debate | | Educadores de infância | Pavilhão PRÓfessor |
| | 8. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino do Português | 2 | C | Debate | | E. Básico e Secundário | Pavilhão PRÓfessor |
| | 9. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino do Inglês | 2 | C | Debate | | E. Básico e Secundário | Pavilhão PRÓfessor |
| | 10. Encontros de educadores de infância | 2 | C | Debate | | E. Pré-escolar | Pavilhão PRÓfessor |
| | 11. Métodos e técnicas de leitura e escrita no 1º Ciclo do E. Bás. | 2 | C | Debate | | E. Básico | Pavilhão PRÓfessor |
| | 12. Da formação recebida ao desempenho no processo ensino-aprendizagem e na dinamização da Escola | 2 | C | Debate | | Todos | Pavilhão PRÓfessor |
| | 13. O novo modelo de gestão escolar | 2 | C | Debate | | Todos | Pavilhão PRÓfessor |
| Exposição | 1. Siza Vieira - Percursos de um projecto | — | — | — | | Todos | a indicar |
| | 2. A Escola do futuro - Exposição conjunta de artistas plásticos de Matosinhos | — | — | — | | Todos | a indicar |
| Concerto | Rodrigo Leão e os Vox Ensemble | — | — | — | | Todos | a indicar |
| Congresso | A imagem do Professor | — | — | — | | Todos | a indicar |
| Revista | Número 8 | — | Todas | — | | Todos | — |
| | Número 9 | — | Todas | — | | Todos | — |
| | Número 10 | — | Todas | — | | Todos | — |
| | Número 11 | — | Todas | — | | Todos | — |
| | Número 12 | — | Todas | — | | Todos | — |
| | Número 13 | — | Todas | — | | Todos | — |
| | Número 14 | — | Todas | — | | Todos | — |
| | Número 15 | — | Todas | — | | Todos | — |
| Actividades | 1. Troféu PRÓfessor | — | — | — | | Todos | — |
| | 2. Festa do 2º Aniversário do PRÓfessor | — | — | — | | Todos | — |
| | 3. Festa de Natal PRÓfessor - 1994 | — | — | — | | Todos | — |



Retrato-robot do formando

É uma palavra cinzenta – formando. Faz lembrar instruendo, da tropa. Mas mais do que a palavra, aqui no PRÓfessor, interessa-nos o seu significado e dos muitos que possa ter interessa-nos o – «ajudante de compreender o mundo» implicado activa e responsabilmente no seu processo de formação. Tivemos muitos, em 1993 e chegou a altura de fazermos contas, tentando até, se possível estabelecer o seu retrato-robot.

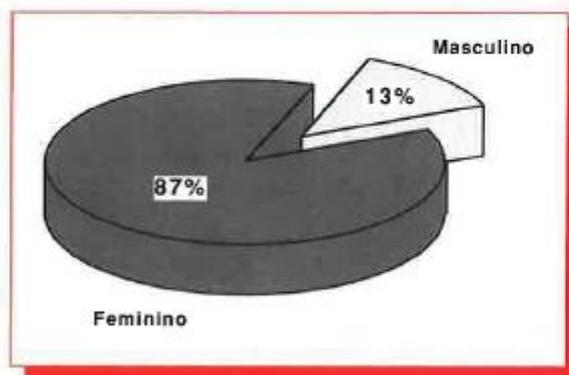
O nosso formando-tipo de 1993 não é um formando!
É uma formanda!
Tem 37 anos,
pertence a uma escola do Centro, lecciona no ensino básico, no 1.º ciclo, mudou de escalão em Janeiro de 1994 e inscreveu-se na Acção III – O Professor, a Dinamização da Escola e das relações com o meio Curso 2 – Área-Escola: A Escola, a Comunidade, a Animação



Mas isto é «fantasia»! Será interessante fazer uma análise despreocupada, estatística, dos números que lhe deram origem. Para não aborrecer ninguém convertemos tudo isso em gráfico ou quadros de leitura rápida e fácil. Digamos que marcamos, deste modo, o encerramento do período de balanço que demos início em Novembro sobre todo o trabalho desenvolvido pelo Centro em 1993.

FORMANDOS INSCRITOS / SEXO

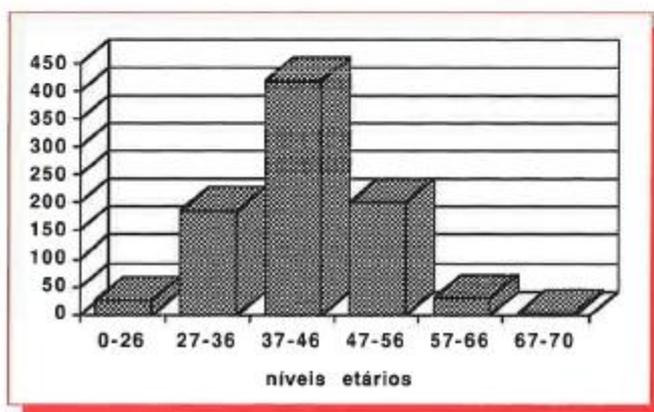
| Sexo | N.º de formandos |
|-----------|------------------|
| Feminino | 851 |
| Masculino | 128 |



FORMANDOS INSCRITOS / NÍVEL ETÁRIO

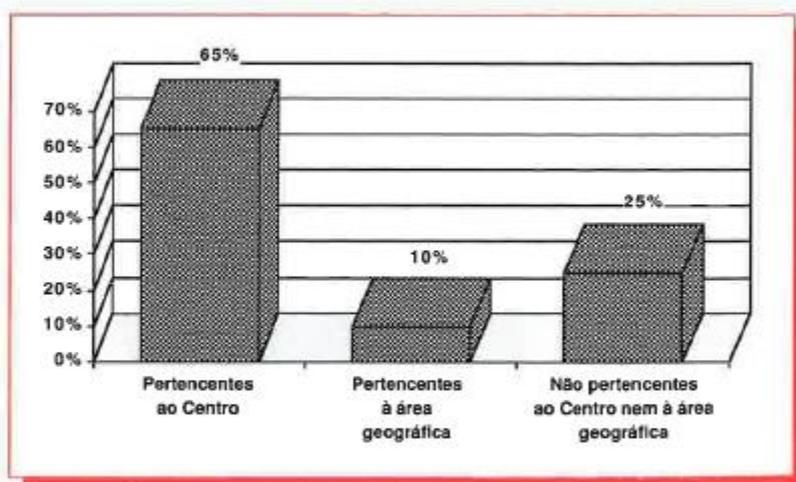
| Nível etário | N.º de formandos |
|--------------|------------------|
| < 26 | 26 |
| 27 - 36 | 187 |
| 37 - 46 | 422 |
| 47 - 56 | 203 |
| 57 - 66 | 30 |
| 67 - 70 | 1 |

* 10 formandos não indicaram no boletim de inscrição a data de nascimento e não foi possível estabelecer contacto com eles



FORMANDOS INSCRITOS

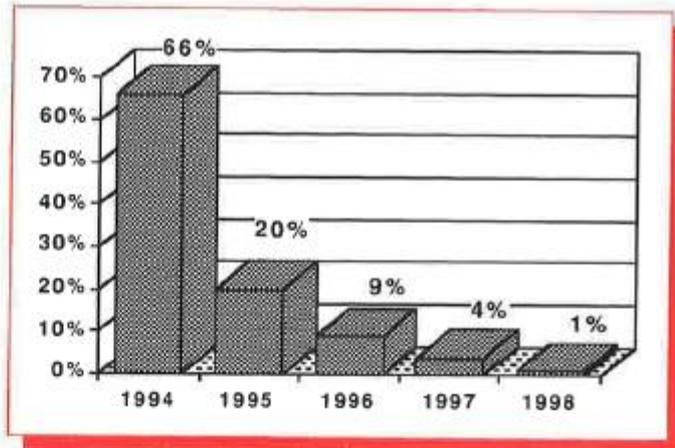
| Pertencentes ao Centro | Pertencentes à área geográfica mas não ao Centro | Não pertencentes ao Centro nem à área geográfica |
|------------------------|--|--|
| 635 | 98 | 246 |





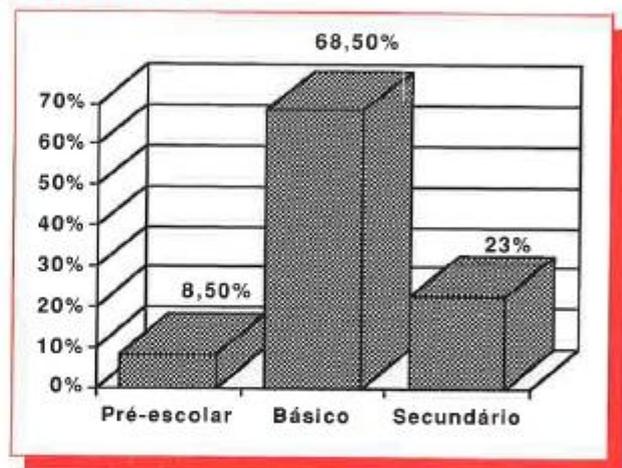
FORMANDOS / DATA DE MUDANÇA DE ESCALÃO

| Ano de mudança de escalão | N.º de formandos |
|---------------------------|------------------|
| 1994 | 641 |
| 1995 | 197 |
| 1996 | 86 |
| 1997 | 43 |
| 1998 | 12 |



FORMANDOS INSCRITOS / NÍVEL DE ENSINO

| Nível de ensino | N.º de formandos |
|-----------------|------------------|
| Pré-escolar | 224 |
| Básico | 671 |
| Secundário | 84 |

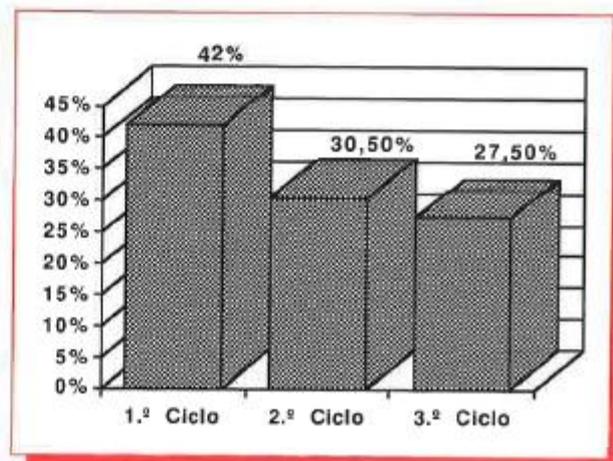


FORMANDOS INSCRITOS / CURSO

| Ação | Curso | N.º de formandos inscritos |
|--|--|----------------------------|
| III – O professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio | 1. Direcção de Turma | 52 |
| | 2. Área-Escola, a Comunidade, a Animação | 278 |
| IV – O professor e o aluno | 2. Preocupação com o aluno como pessoa | 65 |
| | 3. Comunicação na aula | 162 |
| | 4. Trabalho de projecto | 73 |
| | 6. Lidar com a diferença | 54 |
| | 7. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância | 81 |
| V – O professor e os meios auxiliares de ensino | 4. O Computador no dia-a-dia do professor | 250 |
| | 7. A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediatecas Escolares – Um Meio para a Inovação Educacional | 18 |
| VI – O professor e a carreira | 1. A Identidade Profissional do Professor | 60 |
| VIII – O professor, a sua especialidade e a didáctica dela | 1. Didáctica da Língua Portuguesa | 194 |

FORMANDOS DO ENSINO BÁSICO INSCRITOS / CICLO

| Ensino Básico | N.º de formandos |
|---------------|------------------|
| 1.º Ciclo | 281 |
| 2.º Ciclo | 205 |
| 3.º Ciclo | 185 |

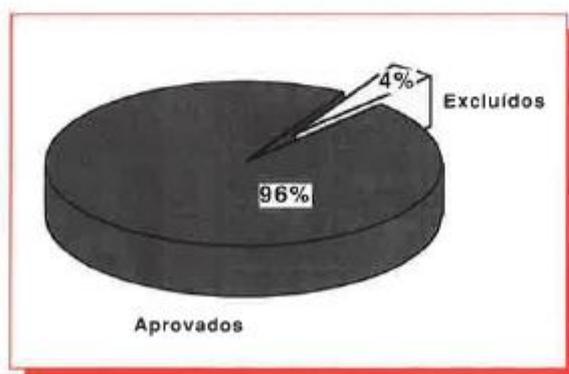


FORMANDOS SELECIONADOS / CURSO / PERTENCENTES A ESCOLAS DO CENTRO OU NÃO, DA ÁREA GEOGRÁFICA OU NÃO

| Acção | Curso | Pertencentes a escolas do Centro | Pertencentes a escolas que não são do Centro mas são da área geográfica | Pertencentes a escolas que não são do Centro nem da área geográfica |
|--|--|----------------------------------|---|---|
| III – O professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio | 1. Direcção de Turma | 19 | 5 | 18 |
| | 2. Área-Escola, a Comunidade, a Animação | 59 | 1 | 2 |
| IV – O professor e o aluno | 2. Preocupação com o aluno como pessoa | 37 | 0 | 3 |
| | 3. Comunicação na aula | 60 | 1 | 0 |
| | 4. Trabalho de projecto | 13 | 5 | 31 |
| | 6. Lidar com a diferença | 27 | 11 | 6 |
| | 7. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância | 30 | 18 | 11 |
| V – O professor e os meios auxiliares de ensino | 4. O Computador no dia-a-dia do professor | 85 | 5 | 12 |
| | 7. A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediatecas Escolares – Um Meio para a Inovação Educacional | 18 | 0 | 0 |
| VI – O professor e a carreira | 1. A Identidade Profissional do Professor | 34 | 1 | 17 |
| VIII – O professor, a sua especialidade e a didáctica dela | 1. Didáctica da Língua Portuguesa | 95 | 14 | 3 |

FORMANDOS SELECIONADOS

| Total | Aprovados | Excluídos |
|-------|-----------|-----------|
| 639 | 612 | 27 |





ACÇÕES PARA ESTRUTURAR UM PLANO INDIVIDUAL DE FORMAÇÃO

Acção IV

O professor e o aluno

Curso 9

AValiação PEDAGÓGICA
- E. BÁSICO, 1.º, 2.º, 3.º
CICLOS E E. SECUNDÁRIO

Área de formação
em que se insere

PRÁTICA
E INVESTIGAÇÃO
PEDAGÓGICA

Tema prioritário

AValiação
PEDAGÓGICA

Modalidade / Duração
/ Nível / Nº de Crédito

CURSO
DE FORMAÇÃO
/ 30 horas
/ Iniciação / 1 Crédito

Público-alvo

24 Professores
profissionalizados, (8) do
1.º ciclo do Ensino Básico,
(8) do 2.º Ciclo e do 3.º
Ciclo e (8) do E.
Secundário.

Caracterização

Acção de carácter teórico-
prático facilitadora da
investigação e da
inovação, com a finalidade
de fomentar nos
intervenientes atitudes
reflexivas e actantes no
quadro da Reforma do
Sistema Educativo.
Toda a abordagem dos
conteúdos assentará na
reflexão sobre práticas
pedagógicas que o
formando utiliza no seu
quotidiano.

Temas

1. Introdução
 - 1.1. Criação de um ambiente de interactividade
 - 1.2. Definição do «perfil de partida» de cada formando
2. Sensibilização ao tema
 - 2.1. O que é avaliar?
 - 2.2. Para que se avalia?
3. A avaliação no contexto do sistema escolar
 - 3.1. O conceito de avaliação
 - 3.2. As variáveis que intervêm nos processos de avaliação
4. A avaliação como prática pedagógica
 - 4.1. A avaliação criterial, a avaliação normativa e a avaliação individualizada
 - 4.2. Avaliação e discriminação

- 4.3. Avaliação e qualidade de ensino
5. O alargar da rede de avaliação
 - 5.1. Os diferentes enfoques
 - 5.2. A avaliação partilhada
6. Avaliação e Reforma do Sistema Educativo
 - 6.1. A Lei de Bases do Sistema Educativo – inovações e continuidades
 - 6.2. Os novos modelos de avaliação: Ensino Básico e Secundário
 - 6.3. Condições de implementação dos novos modelos de avaliação
7. Operacionalização da avaliação
 - 7.1. Avaliação formal e informal
 - 7.2. Os instrumentos de avaliação
8. Epílogo: «O perfil de chegada»

Formadores

Emília Maria Santiago
Miranda
Lic. em Línguas e
Literaturas Modernas pela
Faculdade de Letras da
U.P.
PQND do 2.º grupo –
Português/Francês
Membro da Comissão
Instaladora da E. C+S dos
Carvalhos

Daniel Dinis Espaim de
Oliveira
Curso da Escola do

Magistério Primário
PQ da Escola n.º 16 da
Serra do Pilar

Maria Manuela de Azevedo
Silveira Rodrigues
Lic. em História pela Facul-
dade de Letras da U.P.
PQND do 10.º grupo-A da
E.S. Cal Brandão do Porto

Sistema de avaliação a adoptar

Trabalho escrito individual
a apresentar pelo
formando, tendo como
temática os conteúdos da
acção, sob a forma de um
artigo para jornal.
Utilização de um instru-
mento escrito de avaliação
da acção, elaborado pelo
Centro.

Calendário/Horário

Setembro – 6, 8, 13, 15,
20, 22, 27, 29
Outubro – 4, 7
20.30-23.30 h

Local de realização

Pavilhão PRÓfessor

Inscrições

A partir do dia 9 de Maio,
nas condições divulgadas
neste número da revista e
até um mês antes do
início.

Acção IV

O professor e o aluno

Curso II

PLANIFICAÇÃO DO ENSINO-
-APRENDIZAGEM EM JARDINS
DE INFÂNCIA II

Área de formação em que se insere

PRÁTICA
E INVESTIGAÇÃO
PEDAGÓGICA

Tema prioritário

METODOLOGIAS E
TÉCNICAS DE ENSINO

Modalidade / Duração / Nível / Nº de Créditos

CURSO
DE FORMAÇÃO
/ 22 horas
/ Aprofundamento /
1 Crédito

Público-alvo

20 Educadores de infância
de experiência
comprovada, que

frequentaram, em 1993,
o nível I desta acção.

Caracterização da acção

Porque se acredita que o Projecto Escola pode tornar-se um instrumento importante para o estabelecimento de ensino, facilitando a inovação e aumentando a qualidade e eficácia, e ainda, porque se acredita que os indivíduos e os contextos organizacionais mudam em simultâneo e por recíproca interacção, procurar-se-á centrar este momento de formação no estabelecimento de ensino (Jardim de Infância) associado ao desenvolvimento pessoal e profissional dos educadores. Pretende-se, nesta segunda abordagem caminhar um pouco mais longe, a partir de reflexões questionantes sobre o percurso efectuado entre o primeiro momento de formação e o desempenho conseguido, construir um Projecto de Escola para Jardim de Infância. Sustentado por algumas abordagens teóricas relacionadas com a polissemia do conceito e a

especificidade institucional, procurar-se-á gerar e definir um projecto tradutor de uma visão ecológica dos processos de mudança.

Temas

1. Da formação recebida ao desempenho, um percurso a questionar
2. A construção do «Projecto de Escola» no Jardim de Infância
 - 2.1 A polissemia do conceito
 - 2.2 A especificidade institucional
 - 2.3 Elaborar um projecto de escola... sim! Mas como?
3. Reflexões conclusivas
 - 3.1 Reflexão crítica de projectos de escola
 - 3.2. Avaliação do curso

Formadores

Elisa Margarida Herdeiro
Dias Agostinho
Curso de Educadoras de Infância da Escola Paula Frassinetti do Porto
Lic. em Ciências de Educação, pela Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto
Parte curricular do Mes-

trado em Ciências de Educação
Educadora do Jardim de Infância n.º 2 de Leça da Palmeira

Sistema de avaliação a adoptar

Para além da avaliação contínua, cada formando será avaliado com base num documento escrito e individual, directamente relacionado com os temas da acção. Utilização de um instrumento escrito de avaliação da acção, elaborado pelo Centro.

Calendário/Horário

Novembro – 29, 30
Dezembro – 2, 6, 7, 9, 13,
14
17.00-20.00h

Local de realização

Pavilhão PRÓfessor

Inscrições

A partir do dia 9 de Maio, nas condições divulgadas neste número da revista e até um mês antes do início.

PROGRAMA 1994

O PRÓfessor, para além das actividades de formação de professores, que integram o seu Plano de Formação, decidiu, na sequência das «Quartas-feiras à noite... em Junho» desenvolver espaços de debate sobre temas de interesse para os docentes do Centro, que designamos por «**Às Quartas... é no Centro!**». São sessões de trabalho, com cerca de 2 horas, com início às 21.30h, sobre temas científicos ou da didáctica das especialidades, que decorrerão em duas modalidades – mesas redondas abertas ou orientadas por uma personalidade de reconhecido mérito nesses campos, que têm lugar nas instalações próprias do nosso Centro. O programa previsto para 1994 é o seguinte:

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DA HISTÓRIA

12 de Janeiro
Mesa redonda orientada pela
Dr^a Maria Emília Dinis
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DA BIOLOGIA-GEOLOGIA

26 de Janeiro
Mesa redonda orientada pelo
Dr. Mário Freitas
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DA ECONOMIA

9 de Fevereiro
Mesa redonda
Moderadoras – Dr^a Fátima Martins
e Dr^a Juventina Sousa

Público-alvo – Professores
do E. Secundário

O NOVO MODELO DE GESTÃO ESCOLAR

2 de Março
Mesa redonda
Moderador – Jorge Lima
com a presença de Dr. Manuel
Cunha, Director Executivo
da E. S. Carolina Michaelis
e Dr. Alfredo Novais, Director Execu-
tivo da E. P. Júlio Brandão
Público-alvo – Todos os Professores
dos 1.^o, 2.^o, 3.^o Ciclos do E. Básico
e E. Secundário

ENCONTRO DE EDUCADORAS DE INFÂNCIA

16 de Fevereiro e 16 de Março
Moderadora – Dr.^a Elisa Agostinho
Aberto a todas as educadoras de
infância do concelho de Matosinhos

OS PORTFOLIOS NA AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO BÁSICO

9 de Março
Mesa redonda orientada pelo
Dr. Domingos Fernandes
Público-alvo – Professores
do E. Básico

MODELO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO

23 de Março
Mesa redonda orientada por
Eng.^o Francisco Jacinto
Público-alvo – Professores
do E. Secundário

MODELO DE AVALIAÇÃO DA ESCOLARIDADE BÁSICA OBRIGATÓRIA

13 de Abril
Mesa redonda orientada pelo
Dr. Valter Lemos
Público-alvo – Professores
do E. Básico

CAMINHOS PERCORRIDOS PELO APOIO PEDAGÓGICO ACRESCIDO – DIFERENCIAR PARA APRENDER

20 de Abril
Encontro de professores e educado-
res do Ensino Básico e coordena-
dores de Directores de Turma



ÀS QUARTAS.. É NO CENTRO

MODELOS DE ENSINO- -APRENDIZAGEM DE JARDINS DE INFÂNCIA EM CONFRONTO

27 de Abril
Mesa redonda orientada pela
Dr^a Dora Vigário
e por uma representante do Instituto
João de Deus
Público-alvo – Educadores
de Infância

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DO PORTUGUÊS

18 de Maio
Mesa redonda orientada pela
Dr^a Adélia Silvestre
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DO INGLÊS Balanço do 1.^o ano de experimentação

1 de Junho
Mesa redonda orientada por
personalidade a anunciar
Público-alvo – Professores
do E. Básico e E. Secundário

Para participar é fácil! Basta telefo-
nar até 1 semana antes do início da
sessão escolhida indicando:

- a «Quarta-feira» a que se candidata;
- o nome completo;
- a morada e telefone;
- a Escola a que pertence
- situação profissional;

Este plano/programa está sujeito a
alterações. Continuamos abertos às
vossas sugestões.

ABCDEFGHIJKLMNO

PQRSTUVWXYZabcdefghijklmnopqrstuvwxyz

mnopqrstuvwxyz



EDIÇÕES
AFRONTAMENTO

RETRATOS DO NOSSO OBJECTO

José Caldas*



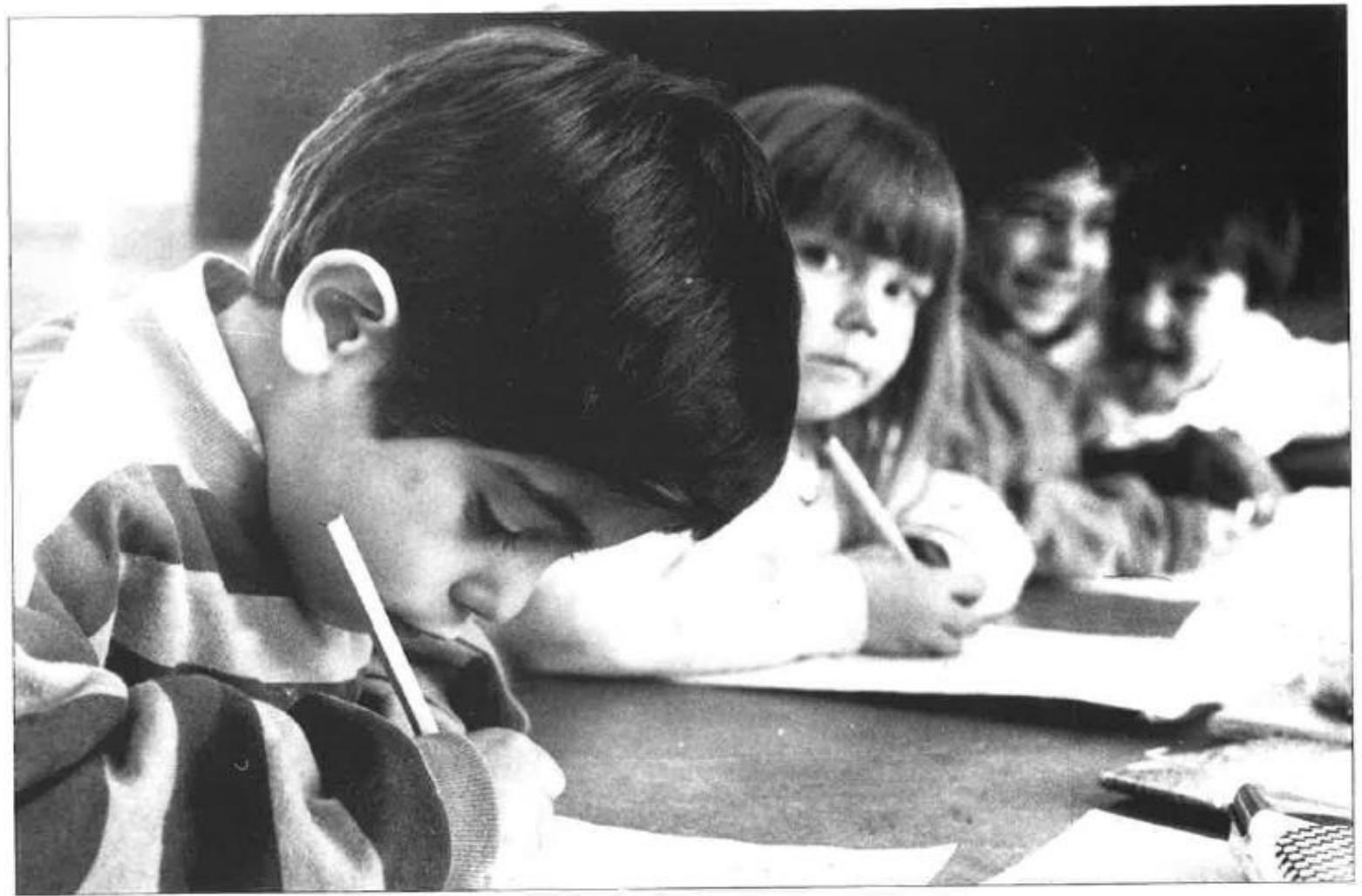
Tal como a nebulosa, onde têm origem as estrelas, a imagem de uma turma, no primeiro dia de aulas, será de contornos esbatidos, onde tudo é muito difuso.

É como se os olhos do professor fossem impotentes para lapidar um grupo, para realçar as formas e os pormenores.

Com o tempo, cada um dos cristais, dessa aparente rocha bruta, vai brilhando, e, então, a turma aparece ao professor como um espaço cintilante, com brilhos aqui e ali.



* PQND do 11.º grupo - B, Formador do PRÓfessor







Viagem ao nosso mundo

Ana e Natacha*

O QUE TÁ A DAR

Olá «stôres»! Já viajaram até ao Mundo dos Jovens? E que tal outra viagem? Pois apanhem o avião connosco. Para começar o artigo... roupas. Nesta matéria o que reina são as calças elásticas de muitas e variadas marcas tais como a «famosa» UNIFORM e as CITY JEANS. São «bué» de giras! As botas YELLOW CAB e as moderníssimas FILA são o calçado que tá a dar. Se ainda se lembram das ALL STAR é melhor comecem a esquecê-las, porque essa moda já deu o que tinha a dar. E para acabar o assunto que tal uma sweat bem radical?

Quanto a filmes os melhores são os do Arnold Schwarzenegger e companhia, 'tá-se mesmo a ver, filmes com montes de pancadaria! Não queremos com isto pôr de lado os filmes de comédia, porque o gosto de rir nunca há-de passar.

E a seguir para ficarmos em forma, o desporto. P'ros teenagers radicais a moda é o *surf* e o *bodyboard*. Para quem não entra nas ondas, nada melhor que o vôlei.

Finalmente vamos falar da «caixa» preferida de todos os jovens... adivinharam! É a televisão! E embora o CANAL 1 tenha os maiores níveis de audiência, a SIC é definitivamente o canal preferido dos jovens portugueses, com o programa mais radical de Portugal: «Portugal Radical». E se pensam que o melhor fim para uma telenovela é a morte dos «maus da fita» e o casamento dos «bonzinhos» estão enganados, porque aquilo de que os jovens gostam é de coisas bem diferentes.

E agora preparem-se para aterrar! Esperemos que tenham gostado desta viagem ao nosso pequeno mundo.



* Gente de 12 anos, alunas do 7.º ano



Na minha geração não se luta, vai-se andando...

Pedro*

Às zero horas do dia 25 de Abril de 1974 tinha exactamente 9 meses, 2 dias e algumas horas. Não podia saber que naquele momento uma revolução estava prestes a ser despoletada, e nem o queria saber na altura. Não podia saber que aqueles homens que a organizaram, bem como todos os outros que contra a ditadura lutaram, me estavam a dar a oportunidade de viver num país livre, finalmente, das garras do regime fascista e opressor. Também isso, nesse dia, não o queria saber.

Hoje tenho 20 anos, 7 meses e alguns dias e tenho pena de não saber mais. Tenho pena de não saber o que é ter algo de muito, muito forte contra o que lutar, algo que me faça identificar e unir com os outros, tenho pena de não poder saber qual a sensação de acordar um dia sabendo que se é livre depois de tanto tempo de ditadura, tenho, enfim, pena de não saber o que é ter vivido toda aquela loucura.

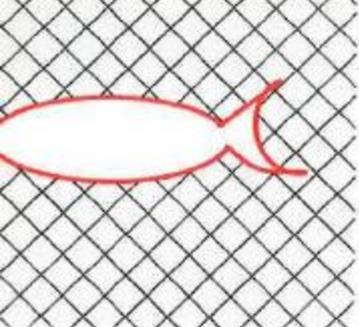
Sei, no entanto, que a minha geração, a dos «filhos de Abril» muito deve ao 25 de Abril embora poucos o saibam. Sei também que estes invejam não ter vivido esses tempos em que «todos os dias se parecia estar a fazer história». Os outros, os que não o sabem (nem sonham!), também não querem saber. Para estes o 25 de Abril é um feriado nacional onde houve uma revolução e umas confusões mais sem interesse de maior porque está tudo bem.

Mas não está! Continua a haver razões para lutarmos com tanto entusiasmo como os que lutavam contra a ditadura; continua a haver razões para nos revoltarmos quando destroem o mundo em que vivemos, quando ouvimos falar em serviços secretos de informação e suas misteriosas actividades, quando a televisão e os jornais nos querem dizer quem são os bons e quem são os maus, quando querem pensar por nós e formar a nossa opinião sem nos deixarem ver o outro lado das coisas.

Mas não nos importamos, a apatia reina e o desinteresse é geral. Longe vão os tempos em que «um homem para ser um cidadão tinha que fazer bem mais do que meter um voto na urna». Na minha geração não se luta, vai-se andando. E muitas vezes me perguntei se este alheamento seria por sermos mais desinteressados que as gerações precedentes, mas não, acho que não. Na minha opinião não nos falta é o essencial: A Liberdade. A liberdade de expressar as nossas ideias e as nossas convicções, a liberdade de fazermos nós próprios as nossas opções, a liberdade de discordar, de protestar, de reivindicar os nossos direitos. Não temos também que escolher entre ir combater uma estúpida guerra em África ou fugir do país, nem temos que ter medo que a pessoa que está ao lado seja um informador. Estas sim, estas foram as grandes conquistas de Abril. A estas muito devemos.



* Gente de 20 anos, estudante do 3.º ano da Faculdade de Economia



MATOSINHOS DE ENCANTAR

ABEL DE LIMA SALAZAR

Carmo Serén*
Teresa Siza**

Abel de Lima Salazar (1889-1946) é filho do descontentamento. Nasce em Guimarães, em vésperas do Ultimatum Inglês e da humilhação generalizada de um pequeno país que labutava para construir, sobre a humilhação de muitos outros, um império à sua medida, de portugueses de segunda.

Quando morre, em Lisboa, com 57 anos, num Após-Guerra cheio de cansaços e promessas, em Portugal nada mudava e, repentinamente, tinha-se descoberto Auschwitz.

O descontentamento, a tristeza do mundo, vêem-no muitos dos seus críticos na agonia do claro-escuro das suas telas, no desencorajamento dos seus imensos desenhos cobertos de gente, na raiva com que cortava as águas-fortes. E, no entanto, nesse mundo de imagens cheio de mulheres, mulheres que trabalham sem um olhar sobre a vida, desviadas de si – ou também é o caso – profundamente concentradas em si, há toda uma coerência com o resto «seus actos vitais», como se uma unidade tivesse sido reencontrada no confronto da vida e da cultura. De resto as suas paisagens são urbanas, recantos, testemunhos degradados de muito uso, muita passagem, paisagens culturais. «O artista», escreveu Abel Salazar na sua «Que é a Arte?», «não procura nem o Belo, nem o Sublime, nem o Real, nem qualquer outra finalidade estética; ele realiza-se simplesmente. A criação de uma obra de arte é um acto vital, fundamentalmente em nada diferente de qualquer outro acto vital.»

Esta concepção de arte, que defende e explora em muitos ensaios, afasta de uma vez teses kantianas e hegelianas. Alguns criticam-lhe o «biologismo» que Fernando Pessoa, companheiro do Modernismo, desfaz numa frase lapidar: «o que em mim sente, está pensando». Outros louvam a profundidade filosófica da sua concepção sobre a natureza da arte. Abel Salazar, fiel ao seu vitalismo, apenas produz: mais de 2000 desenhos, telas, escultura, ensaios sobre literatura, arte, sobre temas médicos.

Abel Salazar, que está presente na introdução do Modernismo no Porto, na Praça Passos Manuel, no carismático ano de 1915, na Exposição de Humoristas e Modernistas, na sequência do abalo lisboeta e da publicação do «Orpheu», sem nunca se sentir ligado a tendências ou modismos, tinha de estar presente. Porque este homem, em todos os momentos da sua vida, foi um agente determinante das vanguardas. Em casa, hoje Casa-Museu Abel Salazar, em S. Mamede Infesta por iniciativa de um grupo de amigos seus, tinha estúdio e oficina. Na Universidade do Porto, onde era professor das cadeiras de Histologia e Embriologia, tinha criado um centro de investigação, no Instituto de Histologia e Embriologia. Aí desenvolvia, com técnicas inovadoras e originais, trabalhos das investigações de ponta para a época; Egas Moniz tinha executado a primeira angiografia cerebral em 1927, desenvolvendo os seus trabalhos até 1935. Abel Sala-

zar investiga a anatomia microscópica do cérebro, histologia e biologia do ovário. O que nos leva ao âmago da vida e do homem.

Entretanto, Abel Salazar tinha-se constituído com um perfil de investigador, artista e interveniente político, que desafiava a ditadura, já assente no seu fundamento principal, a Constituição de 1933, onde «a questão do regime era secundária», e o Soviet da Marinha Grande tivera vida efémera. O Salazarismo temia mais o intelectual interveniente do que as greves e revoltas que se sucedem em 1934. Em 1935 o regime afasta-o do serviço oficial, por motivos políticos. Vai para Paris, onde prossegue as suas investigações, continuando a publicar estudos monográficos em revistas da especialidade e ensaios em vários jornais. Paris vivia a Frente Popular, entalada a França entre dois fascismos, o alemão e o italiano. Vitoriava as recentes convenções colectivas de trabalho, a semana de 40 horas, as férias pagas. Não se podia adivinhar que Vichy se avizinhava, num país onde as próprias greves eram motivo de festa e a xenofobia era ainda selectiva. A capital francesa abarrotava de emigrados russos e judeus de guerras esquecidas. Abel Salazar acumula desenhos de cidades tristes, de gentes oprimidas em bunkers a haver. As rugas acumulam-se sobre aquele rosto que pintou em auto-retrato de 1926, que parece saído dos Painéis de S. Vicente. Com eles, Abel Salazar tinha uma função: abrir janelas na ciência, na arte, na vida. Vivendo.

* PQND do 10.º grupo-A da Escola Secundária Augusto Gomes, Formadora do PRÓfessor

** PQND do 10.º grupo-B da Escola Secundária Augusto Gomes, Formadora do PRÓfessor



**CONHECER
MELHOR**

ASSOCIAÇÃO DIVULGADORA DA CASA-MUSEU ABEL SALAZAR

A Associação Divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar, constituída por escritura pública de 18 de Outubro de 1989, homologada no Diário da República n.º 17, III Série, de 20 de Janeiro de 1990, tem por objecto, conforme o artigo 2.º dos Estatutos, «*promover a investigação e a divulgação da obra literária, artística e científica, de Abel Salazar*».

Sucede à Fundação Abel Salazar, criada logo após a morte, em 29 de Dezembro de 1946, do seu patrono, mas nunca legalizada por impedimentos do poder político da época; sucede também às extintas Sociedade Divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar e Cooperativa Divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar; e assume por inteiro os actos e responsabilidades – a herança – das anteriores organizações, cujos objectivos visa prosseguir.

Para ser admitido como sócio aderente torna-se necessário:

- Preencher o respectivo Boletim de Inscrição, sob proposta de outro associado.
- Pagar a jóia de admissão, fixada em 1500\$00, conforme decisão

da Assembleia Geral efectuada em 18 de Março de 1990.

- Pagar a quota de 600\$00, aprovada na mesma Assembleia Geral.

Nos termos estatutários a aprovação definitiva é reservada à Assembleia Geral Ordinária imediata.

ASSOCIAÇÃO DIVULGADORA DA CASA-MUSEU ABEL SALAZAR
S. MAMEDE DE INFESTA — MATOSINHOS
BOLETIM DE INSCRIÇÃO

NOME _____
FILIAÇÃO: _____
DATA DE NASCIMENTO ____/____/____ ESTADO _____
NATALIDADE _____ CONCELHO _____
PROFISSÃO _____
RESIDÊNCIA: _____ TELEFONE _____
LOCALIDADE _____ CÓDIGO POSTAL _____
DE _____ DE 199____
ASSINATURA _____

PROPOSTO PELO SÓCIO N.º _____
APROVADA EM ASSEMBLEIA GERAL DE _____
OBS. _____

«PAISAGENS» DE VITOR ALMEIDA: RECORDAR O FUTURO

Carmo Serén*

São 26 imagens. Só três de pequeno formato, 38x28 cm. Quase todas 100x81.

Não são quadrinhos, afã minucioso de retoque, são esforço, ideia, perspectivas de janelas abertas. Estiveram – nas Galerias EG Associados, na Foz do Douro. Acrílicos, técnica mista e um óleo, grande, 80x200, inquietante e negro.

O texto do Catálogo, de Saraiva Pinto, leva-nos pelo labirinto do desencontro das concepções do fiel visível e construído, até às «Paisagens» de Vitor Almeida. Paisagens sem título, onde, segundo o Catálogo, teremos de reconhecer a natureza do conflito, universal e humano que tece os caminhos da produção artística. Li o texto em casa. Pude assim

passar livremente, sem apriorismos estudados, pelo meio daquelas cidades e recantos fantásticos que espreitavam das janelas das paredes muito brancas. A primeira impressão é feita de retalhos da nossa experiência; há qualquer coisa de Stanley Kubrick, de Ray Bradbury que espreita das telas, daquelas destruições ponderadas, o peso dos ácidos

proibidos esbatidos por uma geometria que, no caos das cores – criteriosamente caótico – ordena e codifica paisagens do imaginário que tende a tornar-se colectivo: um imaginário de um futuro imaginado. Os referentes culturais caem bem numa leitura pós-modernista, quando fruimos o desencontro das estruturas, os restos que vagueiam destruídos, evanescentes.

Sucede então a partida da memória.

Aquilo tudo são imagens do visível, reproduzindo espaços reconhecíveis, revisitados com o espanto de um reencontro. Porque ali se escreve sobre o mar – aquela costa conhecida, aquela baía profunda, um horizonte pacífico que sobressai na destruição. Tive a impressão de



Sem título
1993
Acrílico sobre tela
100x81 cm



reencontrar a lagoa de Paramos. As cidades fantásticas, os litorais a haver, aqueles bocados de futuro, pertencem também à memória das nossas paisagens transformadas, enquadradas por uma cultura que nos condiciona o olhar.

Segunda volta: o Abismo. Na maioria das telas ele espreita, formando as suas voltas pregnantas, escuro, ainda minoritário, mas presente. Se quisermos, cada tela codifica a sua aproximação, há mesmo legendas pictóricas que esclarecem sobre essa presença. Em último lugar – que pode ser também o primeiro – não há questão para dúvidas: a tela enorme compõe o abismo negro que arrasta a cultura, a vida e a luz em turbilhões de confetti coloridos.

Entramos então numa leitura escatológica e recomeçamos. Para que conste Vítor Almeida deixou, lá pelo meio, umas telas laboratório onde a mão do criador ensaia, nos seus ovos-campânulas, o futuro do mundo. Sabemos agora que essas premunições vão

explodir sobre as paisagens dispostas com precisão temporal. Perversamente, as imagens do futuro são agora sentidas como nossas, testemunhos da nossa memória, do nosso passado. Milagres do simbolismo da arte, quando ela é Arte mesmo.

Vítor Almeida nasceu em 1959, no Porto, onde vive e trabalha, concluiu o Curso de Pintura na ESBAP, em 1993, foi docente na ESAG de Matosinhos. «Paisagens» foi a sua primeira exposição individual.

* PQND do 10.º grupo-A da Escola Secundária Augusto Gomes, Formadora do PRÓfessor



Sem título
1993
Acrílico sobre tela
100x81 cm

+

BUÉ ou FARTANTE?

BUÉ ou FARTANTE?

Luísa Santos*

Venha o aluno e escolha... o que gosta e não gosta na Escola. O que o move, comove, ilude, transfigura e atíça... aqui... na Escola!

«Tás com tudo encima!», «Bué?... ou fartante?», Mais do que isso ou nem talvez?

É assim...

As mesas acabam sempre por aparecer cheias de pensamentos, mensagens, riscos e sarrabiscos, escritos enquanto a professora fala, enquanto se trocam pequenas conversas...

O trabalho de Física ou Português, aquele miúdo muito giro da turma tal... e são do tipo «VIVA AS Férias as aulas são uma SECA!!

ou «ESTAS AULAS DURAM SÉCULOS!!»

ou ainda «A PROF DE BIOLOGIA JÁ DEVIA ESTAR NA REFORMA», «DRAGÕES AZUIS» «PINTO DA COSTA (Presidente...)» etc..., etc..., etc...

É assim...

Em Matosinhos ou na Trofa, em Lousada, em Lisboa ou Beja (variando talvez os «dragões azuis» e congéneres...)

E depois? Quando falamos com eles o que é que eles dizem?

Dizem, como o Helder, que a «escola é o local de estudo para termos um futuro melhor» e que «... de vez em quando a escola é um local chato e monótono, principalmente na altura em que não há testes.»

Ou dizem, como o Bruno Miguel, que «... a escola, apesar dos seus defeitos, tem as suas virtudes, porque é onde os alunos fazem boas amizades, é onde convive-se mais durante o dia e porque aprende-se a ser homem ou mulher um dia mais tarde».

Para o Bruno «os defeitos da escola estão mais ligados ao facto de termos de estudar, ou seja, as aulas».



Bruno Miguel



Elvira



Helder

É assim...

Uma menina-senhora como a Elvira diz que gosta de andar na escola e estudar, mas para ela na sua escola «os empregados são todos mal

encarados, tratam mal os alunos e os professores, há falta de material para se realizarem os trabalhos práticos, outras vezes chegam tarde, anda tudo à balda».

É assim...

Na opinião do Helder os professores são muito autoritários.

É mesmo assim?

Na opinião do Bruno o que está mal nas aulas é «o facto de por vezes alguns alunos em algumas disciplinas não estarem à vontade por diversas razões, mas o pior é o facto de alguns professores transmitirem aos alunos certas reacções que fazem com que estes alunos fiquem, de certa maneira com medo de falarem, exprimirem-se e estarem mal dentro dessas sala de aulas».

A Elvira diz que «alguns professores ainda ensinam bem enquanto que outros não se aproveita nada».

É assim...

Diz o Bruno: «os professores nem devem ser «maus» de mais nem «bons» de mais devem «ser pelo meio».

Diz a Elvira «O ambiente no liceu é choco.

Os rapazes não valem nada, são uns palermas. As raparigas são todas cheias de «não me toques que me desafinas». São umas parvas e as aulas são monótonas como tudo».

Digo eu...

Então, a escola é mais fartante que bué?

É assim...

É mesmo assim?

* PQND do 11.º grupo-B, Formadora do PRÓfessor

No meu tempo é que era...

Maria José Alves*

Foi há muito tempo... mas ainda se lembram de cor dos rios e montes, das estações de comboio e das «provincias» ultramarinas... «do Cunene ao Limpopo»... No seu tempo é que era... a Escola era diferente... «ensinava-nos a ser alguém...». Eis, em discurso directo a Escola do *No meu tempo é que era...*



NO MEU TEMPO É QUE ERA

No meu tempo, em 1945, na Escola Primária de Cerva, Ribeira de Pena, a 33 km de Vila Real, era assim:

Tínhamos a Aritmética. Obrigavam-nos a cantar a tabuada. Havia a Geografia. Decorávamos as Províncias todas, os rios..., as serras..., os portos de mar... e o que cada Província produzia... Na 4ª classe estudávamos as Ilhas... Madeira e Açores, e as Províncias Ultramarinas... a Guiné, Cabo Verde, S. João Baptista de Judá (enclave junto à Guiné, na Costa do Marfim), S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Índia, Goa, Damão, Diu, Macau e Timor. Mais uma vez tínhamos de saber os rios..., as serras... e as riquezas dessas terras. Havia a História de Portugal, o que era mais complicado, pois tínhamos de saber todas as Dinastias dos Reis de Portugal, quando nasceram, quando morreram e os seus feitos, e ainda todas aquelas datas históricas.

A minha Professora obrigava-nos a saber mais além do programa da 4ª classe. Obrigava-nos a puxar muito pela cabeça. Resolvíamos problemas muito complicados. Ela tinha muito orgulho nisso! Por não saber, nunca apanhei reguadas! Apanhei a primeira vez numa sabatina... A partir da Páscoa, e de 15 em 15 dias fazíamos as sabatinas. Era assim: Juntavam as duas classes, a feminina e a masculina. Faziam pares de alunos, uma rapariga e um rapaz. Tocava-me sempre a mesma rapariga. Eu era o melhor aluno da minha classe e ela da dela. Os pares eram feitos pela professora. Fazíamos perguntas um ao outro. Nesse dia a rapariga errou e eu que tinha de lhe dar uma reguada, para não a magoar dei pouquinho. A professora reparou e disse: «Não é assim que se bate» e demonstrou na minha própria mão! Apanhei uma palmatoada das fortes! A partir daí aprendi a lição! Há 15 dias encontrei a minha Profes-

sora, reformada e com 80 anos de idade. Vi-a e parei para falar com ela. Perguntou-me: «Não ficaste zangado comigo por te ter batido, pois não?» Eu respondi-lhe que nunca me tinha batido por não saber, mas por malandrice. Aquelles que iam para o Liceu eram «puxados» de outra maneira.

Depois da escola eu e outro íamos para casa da Professora estudar Gramática e Aritmética. Ela era muito exigente na leitura e pontuação. Tínhamos, também, que interpretar o que liamos. Vim quase até ao 5.º ano com as bases que me deu de Gramática e Aritmética. Quase nem precisei de estudar mais Gramática e Aritmética durante o liceu.

A prova de exame da 4ª Classe era feita em folha de prova própria.

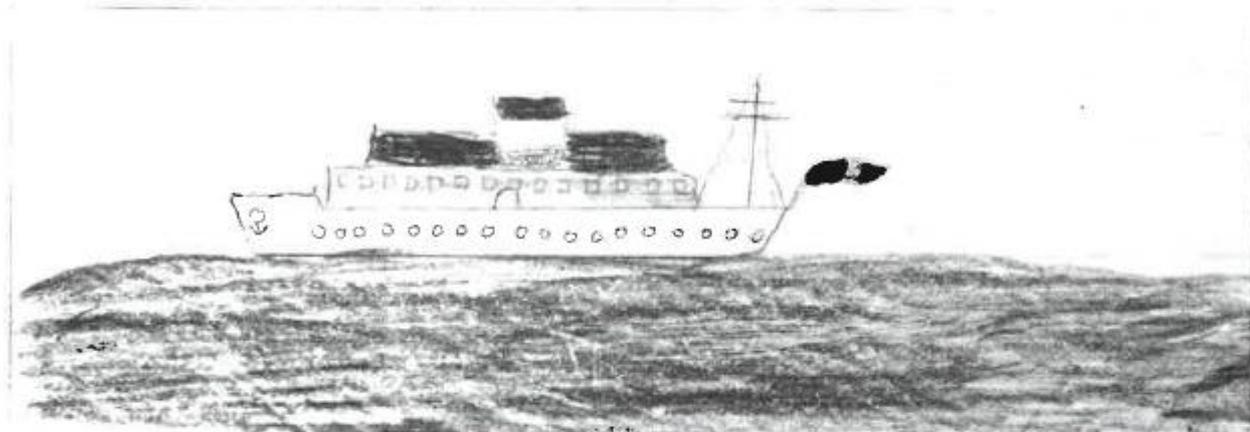
Tudo muito limpinho! Na prova oral, o presidente do júri era

* PQND do 11.º grupo-B, Formadora do PRÓfessor

sempre um homem. Havia dois voais, professores, que faziam o papel de boazinhas. Durante o exame diziam-nos as respostas formando palavras com a boca, sem emitir sons, claro está!... Depois da 4ª Classe fui para Vila Real. Tínhamos os exames de admissão ao liceu.

escola como guarda-redes. Éramos conhecidos por números — eu era o 27. Ainda hoje, quando encontro os rapazes da escola, eles dizem: «Olha o 27!». As recordações que tenho mais lindas do liceu são do 1.º ano. Lembro-me de todos os meus colegas do 1.º ano. No segundo ano foi

mos espingarda! A seguir desfilávamos pela cidade e assistíamos à missa, em honra dos combatentes de 1640. Depois, voltávamos ao liceu e destroçávamos. À noite havia teatro e canto coral da Mocidade Portuguesa. Assistiam as famílias dos alunos, alunos e professores. Eu fazia parte do



Chumbava-se, e de que maneira! A maior parte chumbava na oral. O presidente do júri era mau com a fome! O meu primeiro ano do liceu foi muito bom. Foi no Liceu Nacional de Vila Real, actualmente Escola Secundária Camilo Castelo Branco. Não tive problemas de integração, havia lá rapazes da minha terra. Os caloiros tinham que gramar as praxes. Quando cheguei, um tipo do 7.º ano que era da minha terra, «apadrinhou-me» e avisou o pessoal. Isto não invalidou que no segundo ano eu fosse um dos maiores a praxar. Era muito folgazão e muito brincalhão. Tive a sorte de ter habilidade para a bola. Jogava futebol na equipa da

diferente. Começámos a andar com as raparigas. Havia uma turma de raparigas, era a turma A. As turmas B e C eram de rapazes. A turma C era a turma dos calmeirões, dos castigados. de maneira que passei a integrar a turma C e ficava sempre sentado ao fundo da sala.

O Reitor do liceu não tolerava a capa de estudante, proibiu-a e não permitia a entrada de estudantes no liceu com capa nem sem gravata ou laço. A 1 de Dezembro festejava-se o dia do estudante, era feriado. Saíamos, de manhã, do liceu e formávamos à porta vestidos com a farda da Mocidade Portuguesa, tinha

canto coral, não podia faltar às sessões de canto coral, no ano, não podia ultrapassar as 6 faltas. No primeiro período tapava logo a tudo. O terceiro período era uma aflição! Depois do espectáculo os alunos dos 5.º, 6.º e 7.º anos organizavam-se em grupos e faziam ceias com galinhas roubadas, conforme a tradição. Entrava o mês de Novembro e a população tinha que acautelar as galinhas, mas só naquele mês. No Café Excelsior, ao fundo da Rua Central de Vila Real, jogávamos bilhar e combinávamos o roubo das galinhas. Quando as roubávamos metíamos-las debaixo do braço, dentro do casaco, mas com a cabeça debaixo da asa para



não fazerem barulho. A ceia fazia-se em casa de um colega e convidávamos os importantes lá da terra, os médicos, os advogados, e outros para comerem as galinhas roubadas. Numa dessas ceias o Tobá, meu colega, que não estava habituado a beber foi verdadeiramente incitado a fazê-lo. Quando chegou a altura do discurso foi convidado a discursar — ele levantou-se muito bem, de copo na mão, mas caiu de seguida redondo no chão. Estava em coma alcoólico.

Durante o mês de Novembro faziam-se 3 regadinhos. Os estudantes juntavam-se à noite no largo de Vila Real — quem tinha capa trazia-a vestida, quem não tinha trazia um lençol pelas costas. Cada estudante trazia um archote aceso — formavam-se duas filas luminosas, no centro desfilavam estudantes que mostravam faixas com inscrições críticas aos jogadores de futebol, aos amores menos lícitos e a outros assuntos de actualidade. Cantávamos «água leva o regadinho, água leva o regador. Enquanto rega e não rega vou falar ao meu amor». As gentes vinham à janela. O Reitor do liceu, todo Salazarista, acabou por proibir o regadinho através do Governador Civil. Então, o Presidente da Academia de Estudantes, filho do juiz de Vila Real, mandou imprimir um cartaz pequeno, para prender na

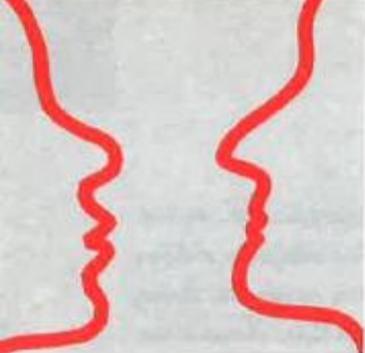
lapela, que dizia: «Não há». No regadinho seguinte desfilaram com uma rolha na boca, os archotes, o mini-cartaz na lapela e o jornal virado ao contrário. Fomos andando, entrávamos e saíamos dos cafés, até que apareceu a Polícia e levou tudo para a esquadra. Inquirido na esquadra sobre o significado do «Não há» o Presidente da Academia respondeu: «Não há lotação na esquadra!» De facto, a esquadra não chegava para todos.

No liceu tinha 12 disciplinas, o Português, o Francês, o Inglês, a História, a Matemática, as Ciências, a Físico-Química, o Desenho, o Canto Coral, a Educação Física e a Religião e Moral. As três últimas não tinham classificação. As aulas iam de segunda-feira a sábado, quatro horas de manhã e uma de tarde. A Mocidade Portuguesa era às quartas e sábados à tarde.

Nas aulas de Matemática, fazíamos uma fita com um elástico entre os dentes. Lançávamos assim um papel para o professor que estava de costas para os alunos a escrever no quadro. Quando se virava estávamos sempre impecáveis. Nunca descobriu nada, o professor! Tive um professor de História no 3.º ano que só fazia um teste e a nota do teste era a nota do período. Estudar as Cruzadas era muito aborrecido... Tinha muitas datas mas eu acha-

va o professor excepcional, entusiasmava-nos. A gente não «dormia», brincava e aprendia. Para quem tivesse negativa, dava uma chance, «ia à chamada». Quando faltavam dois minutos para tocar, fazíamos uma fila em direcção à porta de saída da sala. Ao tocar, ele abria a porta, dava um pontapé a cada um. Era engraçado! Nas aulas de Geografia, à tarde, o professor sentava-se na secretária e só se via a cabeça. Lia o livro em tom tão monocórdico que alguns alunos adormeciam. Ele via e dizia «Fulano, chamada!» «Aonde é que eu ia?». Nada. «Ora diga-me isto!». Nada. «Ora diga-me aquilo!». Nada. «Estou satisfeito! Pode sentar!» Isto repetia-se com todos os que também dormiam. Íamos para os testes com tudo empinado. Era um sacrifício! Outro professor que ensinava muito bem era o de Físico-Química. Ensinava tão bem que nem precisávamos de estudar em casa. No entanto, achava-se engraçado e os alunos tinham que se rir. Um dia um aluno riu-se mas da piada de um outro aluno. O professor ficou histérico. O Carlos Alberto, o que se riu, a partir daí era sempre chamado ao quadro. Decorou o livro todo mas o professor fazia sempre perguntas que não estavam no livro. E isto só por se ter rido de um outro colega e não das piadas do professor.

E era assim no meu tempo.



À CONVERSA COM...



Minicurrículum:

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa em 1967

D.E.A. em Educação pela Universidade de Caen – França, 1981

Doutorado em Ciências de Educação, especialidade Administração Escolar em 1992

É Professor da Universidade do Minho desde 1975, onde lecciona matérias ligadas à Sociologia e Administração Escolar no C.E.F.O.P.E. – Cursos de Bacharelato e Cursos de Estudos Superiores Especializados, e no Instituto de Educação – Cursos de Especialização e de Mestrado em Administração Escolar

Vice-Presidente do C.E.F.O.P.E. – Centro de Formação de Professores e de Educadores de Infância da Universidade do Minho

Colaborou com a Comissão de Reforma do Sistema Educativo, integrando o grupo de trabalho encarregado de redigir uma proposta de regulamento da administração das escolas básicas e secundárias

É Director da revista de História – Bracara Augusta

Autor de várias publicações e artigos de índole científica dos quais se destacam – «Insucesso Escolar em Questão», 1987, U. do Minho (em colaboração), «A Construção Social da Educação Escolar», 1991, Ed. ASA, Porto (em colaboração), «A Centralização Burocrática do Ensino Secundário. Evolução do Sistema Educativo Português durante os períodos liberal e republicano (1836-1926)», 1992, U. do Minho, Tese de doutoramento.

Professor Doutor Sousa Fernandes

P₁. Em que contexto político surgiu a LBSE?

R₁. A LBSE foi discutida e votada na Assembleia da República durante o primeiro governo de Cavaco Silva. O governo era minoritário na Assembleia da República e isso facilitou a iniciativa dos deputados. É uma das raras reformas da educação votadas no Parlamento e creio que a única que teve aí a sua origem exclusiva e não numa proposta governamental.

P₂. Quais os principais fundamentos que, na sua opinião, presidiram à elaboração da LBSE?

R₂. Como deixei implicitamente dito atrás houve em primeiro lugar uma razão política que foi a possibilidade de a Assembleia da República poder afirmar-se autonomamente perante o governo que tinha aí apenas uma maioria relativa. Os partidos da oposição aproveitaram esta oportunidade para imporem ao governo do PSD uma lei, que anteriormente, quando este partido constituía maioria na Aliança Democrática com o CDS, não mostrara interesse em votar, apesar dos vários projectos de reforma apresentados. O PSD acabou por se situar numa posição dúbia ou, melhor, dividida. Na Assembleia da República participou na comissão de educação e votou favoravelmente a reforma. Mas no governo pretendeu ultrapassar a Assembleia da

República criando em Janeiro de 1986, a sua Comissão de Reforma do Sistema Educativo (a lei da Assembleia da República só veio a ser votada em Julho).

Curiosamente, a CRSE só após a promulgação da reforma é que produziu documentos e sessões de impacto tornando-se, a partir daí, na maior impulsionadora da reforma proposta na Lei de Bases. Para além deste fundamento político havia realmente a necessidade sentida de reformular a legislação avulsa e contraditória promulgada após 1974 e de ajustar o sistema educativo ao sistema democrático e às novas exigências pedagógicas entretanto apercebidas. Estas razões pedagógicas e políticas conjugaram-se com as anteriores para fundamentar a necessidade de elaboração da lei.

P₃. Qual a importância, na sua perspectiva, dessa peça da legislação portuguesa?

R₃. Considero esta lei um marco central da legislação educativa portuguesa durante o período moderno, ou seja desde a criação do sistema de ensino público em 1836 com Passos Manuel. Julgo que são mesmo estes dois momentos os grandes marcos legislativos da reforma do ensino em Portugal. A reforma de 1836 iniciou a intervenção e controlo do Estado sobre a educação



escolar tornando-a um instrumento ao serviço da política educativa, modernizadora na época liberal e republicana e conservadora quando o Estado Novo sucedeu aos governos democráticos. A reforma de 1986 iniciou um movimento de sentido inverso, uma desestatização da educação escolar devolvendo-a ao seu contexto próprio que é a sociedade civil e os próprios educandos. Neste contexto entender-se-ia o Estado como instância reguladora das acções educativas promovidas pelos seus actores directos. Todavia esta orientação é incipiente e apenas excepcionalmente assumida na própria Lei de Bases o que acabou por reduzir o alcance dessa orientação.

P4. Quais os aspectos inovadores que a LBSE trouxe ao panorama do Sistema Educativo Português?

R4. Há um leque significativo de preceitos inovadores contidos na LBSE. Sem pretender esgotá-los ou mesmo hierarquizá-los posso referir: o alargamento da escolaridade obrigatória, a reestruturação dos ciclos escolares, o reforço de educação cívica, artística, técnica e tecnológica, a integração da educação especial nos estabelecimentos regulares de ensino como regra preferencial, a formação de professores e educadores em escolas ou cursos específicos do ensino superior, a continuidade da acção educativa através de educação extra-escolar, a criação de centros de recursos, de apoio psicológico e de acção sócio-educativa, a estruturação da rede escolar, etc.

P5. Quais os aspectos da LBSE que já se encontram regulamentados?

R5. Não estou habilitado para poder dar resposta cabal a esta pergunta. Há todavia três aspectos fundamentais referidos no elenco da legislação complementar apresentando no Art.º 59 da LBSE que foram regulamentados: os planos curriculares dos ensinos básico e secundário, a administração e gestão dos estabelecimentos de ensino e o estatuto da carreira docente.

Trata-se de documentos fundamentais. Todavia, a intervenção central que poderia viabilizar as intenções enunciadas pela LBSE em várias passagens, ou seja a descentralização administrativa, está por realizar. Em vez dela, tem-se caminhado para uma desconcentração até ao nível da escola que é em grande

medida responsável pelas distorções e recuos observados.

P6. Que alterações práticas provocaram estas regulamentações na organização democrática das escolas?

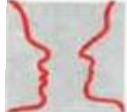
R6. Para já, penso que poucas. Suspeito mesmo que as práticas democráticas estejam em recessão. Não se deverá, todavia, responsabilizar somente a legislação por isso. A falta de recursos, a superlotação das escolas, a massificação discente e o cansaço docente, a socialização para a passividade, etc. são também igualmente responsáveis. Direi que a regulamentação pode facilitar práticas democráticas mas não as cria por si.

P7. Este ritmo de regulamentação permitiu, de facto, autonomia na definição, por escola, de um projecto educativo próprio?

R7. Mais do que o ritmo de regulamentação, a capacidade de definir um projecto educativo depende da natureza da regulamentação e da imaginação criadora dos actores educativos. Em termos de normas, o projecto educativo da escola encontra-se bastante coarctado mesmo na LBSE. De facto o modelo curricular, por onde passa o núcleo do projecto educativo, é um modelo uniforme embora flexível e basicamente administrado centralmente. Todavia no seu desenvolvimento poderia possibilitar margens de adaptação a ser geridas pela escola. Ora a regulamentação dos planos de estudo e dos currículos veio, de facto, restringir essa flexibilidade. A área escola é muitas vezes um espartilho onde a articulação interdisciplinar dificilmente se pode estabelecer. O projecto educativo acaba, por isso, por ser basicamente um projecto de aplicação nas actividades extracurriculares. Isto conduz a uma concepção dualista da educação ministrada na escola com consequências na própria formação do aluno.

P8. Em que medida esta LBSE é inviabilizada pela centralização administrativa do M.E e ou, por exemplo, pelo «novo» modelo de gestão escolar?

R8. Há aqui duas questões que importa separar. Sem dúvida que a descentralização do M.E. inviabiliza a aplicação da LBSE. Mas a própria LBSE é ambígua quanto à importância que dá à descentralização em



relação à desconcentração. Isso permitiu duas leituras: uma mais descentralizadora e outra apenas desconcentradora. É por esta última leitura que se tem inclinado o M.E.

O «novo» modelo de «gestão» partilha da mesma ambiguidade que se expressa na sua própria configuração estrutural. Por um lado alarga a participação para os representantes da comunidade educativa. Nessa medida reage contra a concentração excessiva das responsabilidades educativas, mesmo escolares, no Ministério ou nos profissionais de ensino. Mas, por outro lado, esvazia o Conselho de Escola de efectivos poderes de decisão transformando-o numa espécie de assembleia geral limitada a aprovar ou rejeitar os projectos que lhe são apresentados pelo Director-executivo e formulados no Conselho Pedagógico. Por esta via a situação do Conselho de Escola pouco se altera em relação ao antecessor, o Conselho Directivo. Há uma mudança, essa sim significativa no novo modelo. Ela respeita o papel do Director-executivo que é verdadeiramente quem dirige a escola e cuja subordinação hierárquica ao M.E. está claramente consignada.

P₉. Se lhe fosse dirigido o convite para alterar a LBSE ou as regulamentações realizadas a partir dela o que escolheria?

R₉. Em termos de princípio, optaria por alterar a própria LBSE, para lhe tirar as ambiguidades que referi. Elas resultam da justaposição de concepções políticas educativas incongruentes entre si e que reflectem, na minha opinião, a heterogeneidade das concepções educativas dos deputados que constituíram a comissão de redacção. Isso conduziu a redacções de artigos excessivamente rebuscadas e barrocas. Mas, na prática, a ambiguidade da LBSE não inviabiliza uma leitura mais aberta e progressista, no sentido político-democrático e pedagógico do termo. Foi esse, aliás, o sentido que assumi com os meus colegas do grupo de trabalho encarregado de elaborar o modelo de direcção e gestão das escolas no âmbito da Comissão de Reforma. O que me parece é que as leituras posteriores, mesmo algumas contemporâneas da nossa, não optaram por esta orientação.

Dada esta duplicidade de leituras a curto prazo optaria por alterar regulamentações, por exemplo, alargando as

possibilidades de decisão a nível de escola. Esta opção é perfeitamente compatível com a LBSE.

P₁₀. Para finalizar agradecemos que formulasse e respondesse, por favor, a uma questão que gostaria que lhe tivéssemos colocado ao longo desta entrevista.

R₁₀. Vou referir três alterações da lei que proporia. A primeira alteração respeita à estrutura do ensino. Eliminava o n.º 3 do artigo 10.º que estabelece duas vias diferenciadas no ensino secundário: a via ensino e a via profissionalizante.

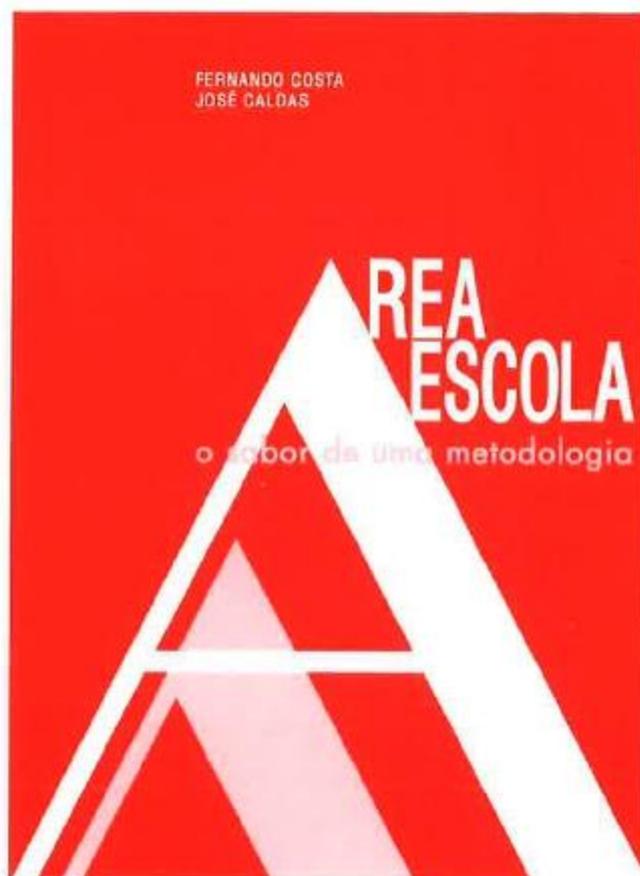
Na minha opinião todos os cursos secundários deveriam ter uma componente profissionalizante e garantir, de idêntica forma, o prosseguimento de estudos. A redacção deste artigo é a manutenção atenuada da velha dicotomia entre ensino liceal e o ensino técnico.

A segunda alteração tem a ver com a proposta de plano de estudos estabelecida no art.º 47.º, que continua a propor um modelo uniforme e um controlo centralizado mesmo no ensino secundário. A minha proposta seria a de assegurar um núcleo de áreas curriculares que todas as escolas deveriam oferecer, mas deixar um espaço de autonomia não só para integrar componentes regionais e locais nesse núcleo como introduzir outras matérias opcionais seleccionadas a nível de escola ou a nível local. Por maioria de razão no ciclo do ensino secundário essa diversificação deveria ser assegurada e acentuada.

A terceira alteração inclui-se no âmbito da formação docente. Não se justifica que se estabeleçam distinções de graus – bacharel ou licenciado – na formação de educadores de infância ou professores dos diferentes níveis. A discriminação do professor primário, do educador de infância e dos professores dos ensinos vocacionais, profissionais e artísticos em relação aos professores do ensino regular do 2.º e 3.º ciclo e do ensino secundário é uma marca negativa do art.º 31.º da LBSE que sustenta o preconceito cientificamente insustentável de que a formação docente para os primeiros níveis ou para os ensinos profissionais e artísticos é menos exigente que para os restantes níveis. Eu eliminava esta distinção atribuindo a todos o mesmo grau de licenciado.

ÁREA-ESCOLA

– o sabor de uma metodologia



Fernando Costa e José Caldas
Edição da Ânima – Projecto de Formação e Comunicação

Constitui uma obra, que se destina, indistintamente, a professores, animadores, técnicos de juventude, educadores que, de um modo ou de outro, estejam implicados na intervenção comunitária.

Pode adquiri-lo no PRÓfessor. Venda no nosso Centro por 1350\$00

